

A CARTA  
DE PERO VAZ DE CAMINHA  
LIDA POR UM ETNÓGRAFO

MANUEL VIEGAS GUERREIRO



BELMONTE 1985

COMEMORAÇÕES  
DO  
DIA DA COMUNIDADE LUSO-BRASILEIRA

A CARTA  
DE PERO VAZ DE CAMINHA  
LIDA POR UM ETNÓGRAFO

MANUEL VIEGAS GUERREIRO

BELMONTE  
1985

Corria o dia 10 Julho de 1499, quando, pela barra de Lisboa, entrava a nau Bérrio, do comando de Nicolau Coelho, com a muita desejada notícia da chegada de Vasco da Gama à Índia. Mas com esta também a de que tinham surgido dificuldades no estabelecimento de relações comerciais e políticas com os potentados do Oriente.

Para os tirar desta posição logo mandou D. Manuel se aprontasse poderosa armada que demandasse a Índia. E foi assim que a 9 de Março, saía com rumo ao Oriente e sob o comando de Pedro Álvares Cabral a mais vistosa e forte armada que até aí se tinha visto. E ia nela o melhor da nossa gente do mar: Capitães como Nicolau Coelho e Sancho de Toar, navegadores como Bartolomeu Dias e Pero Escobar.

A 14 de Março passavam pelas Canárias e a 22 pela ilha caboverdiana de S. Nicolau. Para fugir às calmarias do Golfo da Guiné aproaram a sudoeste, mas tão grande foi seu desvio que a 21 de Abril lhes surgiram os primeiros sinais de terra, que foram ervas marinhas, e na manhã seguinte aves que os confirmavam. Pela tarde desse dia, terra à vista: um alto monte, serras a sul e chão plano densamente arborizado. Estava descoberto o Brasil. A 23 a frota ancorava em porto abrigado, a que, por isso Cabral deu o nome de Porto Seguro, hoje Baía Cabrália (1).

Vinha a bordo da nau capitania Pero Vaz de Caminha, escrivão de Aires Correia na futura feitoria de Calecute, e quer Jaime Cortesão, que exaustivamente estudou a Carta, que também escrivão de Cabral(2).

---

(1) Porto Seguro de hoje é povoação mais a sul.

(2) A carta de Pero Vaz de Caminha. Lisboa, Portugália Editora, 1967, pp. 77-83.

Caminha era filho de Vasco Fernandes de Caminha, mestre da balança da moeda da cidade do Porto, cargo em que lhe sucedeu. É provável que Pero Vaz tenha nascido no Porto. Foi cavaleiro das casas de D. Afonso V, D. João II e D. Manuel e a seus méritos burocráticos somava os literários, como testemunha o ter sido encarregado de dirigir capítulos de cortes.

Seguia para a Índia, sabe-se lá porquê. Por razões económicas? Por solicitação-imposição do rei? O que de qualquer modo se verifica pelos cargos que desempenhava e desempenharia, pelo lugar de relevo que Cabral lhe deu na armada, pelo tom familiar com que se dirige ao rei é que este Pero Vaz era varão de diversas virtudes. E para o ofício de escrivão não lhe faltaria experiência e adequada informação. Homem de letras não lhe seriam estranhos os autores gregos e latinos, e mestres na arte de descrever lugares e povos, como Estrabão, Ptolomeu, Plínio e Pompónio Mela e presente teria também a lição bíblica e a dos Santos Padres da Igreja. Pedro Calmon pensa que terá lido Plutarco e aproxima um passo seu de outro de Caminha e Cortesão junta um segundo a esta última, confirmando ambos a boa latinidade do nosso escrivão. E como seria de outro modo se era a gramática latina que se ensinava nas escolas e não a portuguesa, que, como corpo codificado, sai pela primeira vez, que se saiba, das mãos de Fernão de Oliveira em 1536? Pode pôr-se mesmo a hipótese de que Pero Vaz conhecesse Quintiliano, o que Cortesão hesita em afirmar<sup>(3)</sup>.

Ptolomeu tinha até na sua *Geografia* — a verdadeira «bíblia» geográfica do Renascimento», como lhe chama Numa Broc<sup>(4)</sup> — dado as regras do bom corógrafo ao distingui-la de coreografia:

«O próprio da Geografia lhe amostrar que a terra conhecida de hũa e continua: e ho sitio natural della: e trata somente das mayores partes e mais principais que nella ha (...). Porque ho fim do Corographo consiste em representar bem hũa parte: como quem quisesse somente arremedar hum olho ou hũa orelha. E ho Geographo olha somête ao todo: como quem pinta a cabeça (...). E, por-

---

(3) Ver sobre o assunto a citada obra de Cortesão, pp. 68-71.

(4) *La Géographie de la Renaissance (1420-1620)*, Paris, Bibliothèque National, 1980, p. 7.



tanto, na corographia, ha necessidade da pintura dos lugares: e nenhū homem sera Corographo: se não for pintor.»<sup>(5)</sup>.

Andariam igualmente em suas mãos relatos de navegação que havia quase um século se iam escrevendo e que, em sua maior parte, se perderam, de um dos quais, o de Afonso Cerveira, se aproveitou Gomes Eanes de Zurara na sua *Crónica do Descobrimento e Conquista da Guiné*, datada de 1453.

E teria talvez conhecido a carta que Cristóvão Colombo escrevera, 7 anos antes, sobre o descobrimento das primeiras ilhas no caminho do continente americano, a Luís de Santangel, seu protector e abonador em numerário para a sua famosa viagem<sup>(6)</sup>. É flagrante a analogia de factos e ideias que uma realidade semelhante naturalmente originara. A carta percorreu velozmente a Espanha e a Europa. Logo em 1493, ano em que foi escrita, uma tradução espanhola, oito em latim e, no mesmo ano, duas em italiano, uma segunda em espanhol em 1497 e no mesmo ano uma em alemão<sup>(7)</sup>.

Com toda esta provável informação que espécie de escrito lhe saiu das mãos? Relato conciso de funcionário de fazenda? Em vez disso uma descrição viva, minuciosa, de quanto se passou nos 8 dias que se demoraram na Baía Cabrália, diário de viagem, uma corografia do lugar à boa maneira ptolomaica, um «olho ou hũa orelha» no grande «corpo» de Vera Cruz. Com os dados dispersos pelos vários dias se pode organizar uma pequena monografia etnográfica subordinada ao seguinte plano:

- I — A terra: Situação, morfologia, clima, flora e fauna.
- II — A gente: traços somáticos, adornos índole.
- III — Modos de vida e utensílios.
- IV — Casa e alimentação.
- V — A sociedade.
- VI — Crenças.
- VII — Artes.
- VIII — Conclusões.

---

(5) Jacobus Angelus traduziu do grego para latim, em 1405, a *Geographia* de Ptolomeu e logo a obra teve larga difusão na Europa, p.2.

(6) *La Carta de Colón*, publicada sob os cuidados de Carlos Sanz. Madrid, Graficas Yagues, S. L., 1961, p. 14, nota 40.

(7) *Ibidem*, p. 7, nota 4.

Alguns destes aspectos da cultura mal se esboçam, dada a brevidade dos contactos estabelecidos. Avolumam naturalmente os que respeitam à «terra nova» e ao homem novo, e a este, sobretudo, com o qual se consomem nove décimos da *Carta*.

### *Da terra*

Em vez de abrasador calor tropical, que mataria os homens, uma «... terra de muito bons ares, assim frios e temperados como os d'Antre Doiro e Minho. Águas... muitas, infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo por bem das águas que tem... terra... de densos arvoredos..., muito formosa»,<sup>(8)</sup> o que tudo nos faz lembrar um pouco o *jardim do Eden*. *Non ibi frigus, non aestus* escrevia dele S. Isidoro de Sevilha e descrições destas correram muito na Idade Média. Mais tarde, já para além dos meados do século XVI, evoca-o Frei Bartolomeu de las Casas. Colombo supôs tê-lo encontrado algures na América<sup>(9)</sup>; e de vestígios seus nos fala o veneziano *Luís de Cadamosto em meados do século XV*<sup>(10)</sup>.

Caminha não se deslumbra, contudo, com idílica paisagem de eterna primavera, situa-se nos limites do real e verosímil, descontado um pouco de calor que cai sobre a região descrita, mas que a brisa marítima atenua e torna perfeitamente suportável.

### *Da gente*

Acreditavam os antigos e assim mesmo a Idade Média, Plínio, Solino, Santo Isidoro de Sevilha, que fora do mundo arábigo-cristão e sua periferia os homens eram disformes e o mar e a terra povoados de monstros<sup>(11)</sup>. Colombo escreve ainda em sua *Carta*: «En estas

---

(8) Pero Vaz de Caminha — *Carta a El-Rei D. Manuel sobre o Achamento do Brasil*. Introdução, actualização do texto e notas de M. Viegas Guerreiro, leitura paleográfica de Eduardo Nunes. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1974, p. 82.

(9) Ver sobre este assunto do paraíso terreal Sérgio Buarque de Holanda — *Visão do Paraíso. Os Motivos Edénicos no Descobrimento do Brasil*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1959, pp. 170, 171, 189, 191, 192, e 201.

(10) *Viagens*. Lisboa, Portugalíia Editora, p. 86.

islas fasta aqui no he hallado hombres monstruosos como muchos pensaban; mas antes es toda gente de mui lindo acatamiento...»<sup>(12)</sup>. Eram homens assim que Caminha também encontrava e, sobre isso, bons, inocentes. Ora oiçamo-lo:

«feição deles é serem pardos, maneira d'avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura, nem estimam nenhuma cousa cobrir nem mostrar suas vergonhas. E estão acerca disso com tanta inocência como têm em mostrar o rosto...

Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos, compridos, pelas espáduas; e suas vergonhas tão altas e tão çarradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as nós muito bem olharmos, não tínhamos nenhuma vergonha...

E uma daquelas moças era toda tinta, de fundo a cima, daquela tintura, a qual, certo, era tão bem feita e tão redonda e sua vergonha, que ela não tinha, tão graciosa, que a muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhe tais feições, fizera vergonha, por não terem a sua como ela.

Os outros dous, que o capitão teve nas naus, a que deu o que já dito é, nunca aqui mais apareceram, de que tiro ser gente bestial e de pouco saber e por isso são assim esquivos. Eles, porém, contudo, andam muito bem curados e muito limpos e naquilo me parece ainda mais que são como aves ou alimárias montezes que lhes faz o ar melhor pena e melhor cabelo que às mansas, porque os corpos seus são tão limpos e tão gordos e tão formosos que não pode mais ser...

Parece-me gente de tal inocência que se os homens entendessem e eles a nós, que seriam logo cristãos, porque eles não têm nem entendem em nenhuma crença, segundo parece. E, portanto, se os degradados que aqui hão-de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido, segundo a santa tenção de Vossa Alteza, fazerem-se cristãos e crerem na nossa santa fé, à qual praza a Nosso Senhor, que os traga, porque, certo, esta gente é boa e de boa simplicidade e imprimir-se-á ligeiramente neles qualquer cunho que lhes quiserem dar. E logo lhes o Nosso Senhor deu bons corpos e bons rostos, como a bons homens e ele, que nos por aqui trouxe, creio que não foi sem

(11) J. S. Silva Dias — *Os Descobrimentos e a Problemática Cultural do Século XVI*, Universidade de Coimbra, 1973, pp. 191 e 195.

(12) Edição citada, p. 11.



causa. E, portanto, Vossa Alteza, pois tanto deseja acrescentar na santa fé católica, deve entender em sua salvação; e prezará a Deus que, com pouco trabalho, será assim.

Eles não lavram, nem criam, nem há aqui boi, nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem galinha, nem outra nenhuma alimária, que costumada seja ao viver dos homens; nem comem senão desse ínhame, que aqui há muito, e dessa semente e frutos que a terra e as árvores de si lançam. E com isto andam tais e tão rijos e tão nédios, que o não somos nós tanto com quanto trigo e legumes comemos.»

Entre todos estes que hoje vieram não veio mais que uma mulher moça, a qual esteve sempre à missa, à qual deram um pano com que se cobrisse e puseram-lhe darredor de si. Mas ao assentar não fazia memória que o muito estender para se cobrir. Assim, Senhor, que a inocência desta gente é tal, que a d'Adão não seria mais quant'a em vergonha. Ora veja Vossa Alteza quem em tal inocência vive, ensinando-lhes o que para sua salvação pertence, se se converterão ou não» (13).

Avoluma aqui a profunda impressão que os corpos nus lhe causavam em criaturas de Deus tão bem proporcionadas. A propósito vem referir que da mesma estranheza se faz eco Zurara, reproduzindo relato respeitante a costumes de Azenegues, que ficavam para além do Cabo Bojador:

«As mulheres vestem alquices, que são assim como mantos com os quais somente cobrem os rostros e por ali entendem que acabam de cobrir toda sua vergonha, que os corpos trazem nus. Por certo diz aquele, que a juntou esta história que esta é uma das cousas por que homem pode conhecer sua grande bestialidade, que, se alguma pequena de razão entre eles houvesse seguiriam a natureza cobrindo aquelas partes somente que ela mostrou que deviam ser cobertas, que vemos naturalmente que em cada um daqueles lugares vergonhosos, por cerco de cabelos, mostrando que os queria esconder; e ainda teem alguns naturais que se leixassem assim aqueles cabelos, que tanto cresceram até que escondam todo los lugares de vossa vergonha...» (14).

---

(13) Edição citada, págs. 45-46, 59-60, 72-75, 81.

(14) *Crónica do Descobrimento e Conquista da Guiné*. Textos de História — n.º 4, Porto, Livraria Civilização, Editora, 1937, vol. II, pp. 160-161.



Aqui se quer provar que nudez de partes tidas por impúdicas denuncia «bestialidade», logo irracionalidade, selvajaria.

Difícilmente concluiria de outro modo, no tempo, o homem ocidental, fiel à tradição cristã; em todo o caso Pero Vaz não leva tão longe sua austeridade.

Colombo refere, sem comentar, o que vê:

«La gente desta isla y de todas las otras que he fallado y habido noticia, andam todos desnudos, hombres y mugeres, asi como sus madres los paren; ...»<sup>(15)</sup>

Gente inocente, sem consciência do mal, como do bem, naturalmente boa ignorante, bestial, que seria fácil trazer, por que humana, de seu estado natural à virtude consciente do Cristianismo, único meio de alcançar sua eterna salvação. Vivia em inocência análoga àquela em que Adão vivia no paraíso, antes de comer fruto da árvore da ciência do bem e do mal, sem olhos para ver suas vergonhas. E de certo modo aqui nos aproximamos do homem que Deus pôs no paraíso terrestre.

Também o selvagem bom da Baía Cabrália não é o *bom selvagem* de Rousseau, embora o prelúdie, uma vez que robustez e formosura e até bondade se explicam por sua vida natural, como de animal montês. Será que esta simpatia, está como adesão à vida livre da natureza se deve à influência da doutrina de cínicos, estoicos e porventura do mito da idade do ouro? É provável que sim.

De acentuar que explicitamente se põe o ambiente físico como determinante e configuração somática e implicitamente da índole dos Tupiniquins, prolongamento de um determinismo geográfico que passa por toda a antiguidade ainda hoje tem obstinados defensores.

É evidente que este falso conceito do Tupiniquim está em contradição com o que de seu comportamento, de suas atitudes inteligentes se observava. Mas aqui prevalecia o preconceito, o mundo cultural de Pero Vaz, em que se fundem, sem conflito, tradição cristã medieval e a doutrina da Antiguidade Clássica, a que os humanistas do Renascimento davam novo alento, e tantas vezes às avessas da lição que lhes poderia dar a realidade envolvente. O homem novo que se idealiza não o realizámos nós neste canto da Europa Ocidental. Não estavam na nossa medida as grandes construções do pensamento moderno.

---

<sup>(15)</sup> Edição citada, pp. 8-9.

E a sempre relativa frustração do tempo presente, uma saudade do passado, constante do espírito humano, não ajudariam a ver com melhores olhos o quotidiano dos aborígenes? Todos somos um pouco *Laudatores temporais acti* <sup>(16)</sup>.

Quanto à convertibilidade dos nativos pode pensar-se que aos tons prevalecentes daria algum vigor o muito que Pero Vaz queria agradar ao rei, favorecendo seus desígnios. Ficava caminho fácil para o beneplácito papal de que o monarca carecia para se tornar senhor de pleno direito de terras descobertas.

Deverão ainda mencionar-se outros elementos de cultura tupi; as minuciosas descrições da pintura dos corpos, do arco e flechas, do machado gentilico, pela primeira vez descrito, e sobretudo os significativos movimentos e reacções dos indígenas. Por brevidade de comunicação, por ideias preconcebidas, como a do falso primitivismo, não pode Caminha averiguar que, além de recolectores, eram agricultores e pescadores e caiu mesmo no erro de supor que não tinham chefia nem religião.

Caminha termina a sua carta pedindo a D. Manuel lhe liberte o genro, degradado em S. Tomé. Motivo importante, sem dúvida, mas não suficiente para motivar o seu escrito.

Também Colombo fecha a sua oferecendo muito e pedindo pouco: «en conclusión, a fablar deste solamente que se ha fecho este viage, que fui assi de corrida que pueden ver sus altezas que yo les daré oro quanto hobieren menester, com mui poquita ajuda que sus altezas me dâran: agora especeria e algodón quanto sus altezas mandarem cargar...» e quanto quiserem ainda almastiga e ruibarbo, canela, escravos e otras mil coisas». A mui poquita ajuda foi nada menos que isto: que o nomeassem vice-rei e governador-geral das terras descobertas, cargo que transmitiria a seus descendentes: uma monarquia a par com outra monarquia!

Pouco ou nenhum fruto terá Pero Vaz colhido de seus serviços. Nem sabemos se o genro lhe foi solto. E o que sabemos é que morreu na Índia e pensa-se que logo em Dezembro do mesmo ano de 1500 num assalto de Mouros à fortaleza de Calecute, em que perderam também a vida o feitor Aires Correia e muitos portugueses.

---

<sup>(16)</sup> Sobre estes temas vejam-se Sérgio Buarque de Holanda, *op. cit.*, pp. 170 e segs. e J. S. da Silva Dias, *op. cit.* e de modo particular as pp. 182 e 189.



E amargos foram também os últimos anos de Colombo. Prometeu o que não podia dar. A terceira e a quarta e a última viagem foram de frustrações. Viveu períodos de glória mas morreu sem ela.

A carta de Pero Vaz de Caminha ocupa lugar de honra na Literatura Portuguesa de Viagens, tanto pelo seu valor literário como documental.

Usa na narração uma linguagem própria mas acessível ao leitor comum. A frase sai-lhe fluente, alongando-se ou encurtando-se conforme o seu conteúdo. Domina com à-vontade o instrumento que utiliza, brincando até graciosamente aqui e ali com as palavras. Não alardeia erudição que mal cabia em carta familiar dirigida ao rei. Como fino observador fixa o que mais importa e os acontecimentos sucedem-se como num filme e nem a matéria repetida está a mais. Conta como quem bem vê e vemos como se estivessemos presentes. Movimentos, atitudes, formas, volumes, tudo se nos mete pelos olhos dentro. Transcrevo para aqui o que já uma vez escrevi a este propósito: «Quadros como os que descrevem a nudez e formosura das moças tupis ou as unas de fraterno convívio de portugueses e tupiniquins não mais nos saem da retina. A arte de Caminha atinge, nestes pontos, a sua máxima expressão. Como consegue ele traduzir em linguagem — e com que vigor o faz — a nudez original do índio brasileiro, a que não falta o sabor sensual, e matar ao mesmo tempo em nós uma apetência instintiva digna de algum reparo? Doçura de contornos, perfeição de formas, beleza de feições, tudo posto em prosa e sem ofender o pudor cristão; um sabor dos sabores que não perturba nem ofende. Aqui se torna excelente, repitamos, o talento de Pero Vaz» (17).

Ocupemo-nos, agora, do valor documental da carta. Lê-se em seu início:

«Mas tome Vossa Alteza minha ignorância por boa vontade, a qual, bem certo, creia que por afremosentar nem afeiar haja aqui de pôr mais do que aquilo *que vi e me pareceu*.

Voto de probidade que bem se pode aproximar deste bem conhecido de Fernão Lopes no prólogo da Crónica de D. João I:

«Se outros por ventura em esta crónica buscam fremosura e novidade de palavras e nom a certidon das estórias, desprazer-lhe-á de

---

(17) Em páginas de introdução ao texto da carta a El-Rei D. Manuel, pp. da citada edição.



nosso razoado, muito ligeiro a eles de ouvir e nom sem gram trabalho a nós de ordenar.» (18)

Não são galas de estilo que busca, mas a verdade, feita de sua experiência, da observação do real, do concreto, do directamente observável.

E ainda aqui se concerta com Colombo, que, em sua carta esclarece: «... aunque destas tierras hayan hablado o escrito todo va por conjectura, sin allegar de vista; salvo comprendiendo a tanto que los oyentes los mas escuchaban, y juzgaban mas por fabla que poca cosa dello» (19). Honesta intensão que sua incontida imaginação mais de uma vez atraiçoa. Mas não se pense, como alguns pensam, que, por ser muito frequente esta valorização da experiência no nosso século xv (20) a Idade Média ou a Antiguidade nela não se firmaram. Já Aristóteles nos ensina que a experiência do sensível é a fonte do nosso conhecimento e não é de outro modo que a usa Frei Alberto Magno e a praticam, em nossa casa, o falcoeiro Pero Menino (1383), D. João I, D. Duarte, por exemplo (21).

O reconhecido valor da experiência, própria, actual, ou sua apologia, não significam, porém, que se não aceite a lição, a autoridade dos mestres, antigos ou modernos; apenas se emendam, quando erram. E é assim que vemos a Marino de Tiro da primeira metade do segundo século depois de Cristo corrigir os antidos, e Ptolomeu, seu discípulo corrigir o mesmo (22) e D. João de Castro emendar Ptolomeu,

---

(18) *Quadros da Crónica de D. João I*. Selecção, prefácio e notas de Rodrigues Lapa. Lisboa, 1941 p. 4.

(19) Edição citada, pp. 11 e 12.

(20) Lembrem-se os casos de Sá de Miranda, Camões, Duarte Pacheco Pereira e Garcia de Orta.

(21) Veja-se sobre este tema o que Mário Martins, SJ, escreve a pp. 75 e 84 do seu belo livro sobre *Estudos de Cultura Medieval*, vol. III. Lisboa, Edições Brotéria, 1983.

(22) "... A História de vários tempos nos ensina muytas partes da terra habitadas: não serem ainda de nos conhecidas: por serem muy remotos de de nossa habitação. E outras que não são tão desviadas sabemos mal: por que os que por elhas andarão derão dellas falsa relação e escreverão cousas fabulosas. E també outras não são agora o que erão: por muitas destruições e mudanças que nellas ouve. Pello qual he necessario que demos mais credito aos novos descobrimentos: examinãdo primeiro assi nas presentes: como nas histórias passadas o que se deve aprovar ou reprovar".

E emendando Marino de Tiro:

sem que por isso o deixe de considerar o «príncipe dos Cosmógrafos» (23).

E nem ainda quando Garcia de Horta diz:

«Não me punhais medo com Dioscórides nem Galeno, porque não hei-de dizer senão a verdade e o que sei».

ou:

«Digo que se sabe mais em um dia agora pelos Portugueses do que se sabia em cem anos pelos Romanos».

E D. João de Castro acerca da esfericidade da terra:

«Pois quem pode arrancar ao mundo esta opinião dos Antigos? A muita experiência dos modernos e principalmente a muita navegação de Portugal» (24) se me afigura que com isso menesprezam o saber do passado; só que a sua experiência, no presente, ensina muito mais.

E, tornando a Pero Vaz, atente-se na expressão «... e me pareceu» e no que mais adiante escreve a respeito daquela porção de terra brasileira: «De ponta a ponta é toda praia pasma, muito chã e muito formosa; pelo sertão *nos pareceu* do mar, muito grande, porque, a estender os olhos, não podíamos ver senão a terra de arvoredos, que *nos parecia* mui longa terra».

A experiência empírica aqui se concede o benefício da dúvida ou, por outras palavras, se admite o erro dos sentidos, a ilusão das aparências. Outros dados para além destes, outras pesquisas, outras reflexões podem ser necessários para o apuramento da verdade. Julgamos por isso um tanto insegura, por absoluta, a afirmação de Barradas de Carvalho de que antes de D. João de Castro se tomavam como critério de verdade os dados dos sentidos e que «É com (ele)...

---

«... Porque todos aquelas cousas assi dos antigos como suas em que cabia erro emendo e retificou... Mas porque de certo sabemos que recebo alguãs cousas que não eram fidedignas: e na instrução que da pura descrição da terra: nem he facil nem guarda as dividas proporções: fomos aõ justa causa movidos a reduzir: enquanto nos parecer necessário a modo mais racional e proveitoso: o que ele em suas obras tratou».

Pedro Nunes — Clerus. Letra, Imprensa Nacional de Lisboa, 1940, vol. I, pp. 101 e 103.

(23) Informação colhida em Joaquim Barradas de Carvalho — *O Renascimento Português*. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1980, pág. 28.

(24) Passos transcritos de Barradas de Carvalho, *Op. cit.*, pp. 29-30.

que vemos a correcção da experiência empírica pela razão, pelo entendimento...» (25).

Levar o Evangelho a povo tão facilmente convertível e dele carecido, a posse de uma terra nova, onde, de momento, nenhuma notícia havia de ouro, de prata e de qualquer outros metais, mas seguramente fecunda, a curiosidade do novo e do exótico nos homens e nas cousas, nos costumes, que foi tão sensível Pero Vaz, nela incluindo o seu rei, a quem tudo de singular se havia de mandar, são três ideias dominantes da carta de Caminha, as três principais causas de nossos descobrimentos. E há-de dizer-se que é a expansão da Fé que se dá prioridade.

«Mas o melhor fruto que nela (a nova terra) se pode fazer me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente, que Vossa Alteza em ela deve lançar» (26). É, aliás, a ordem por que tais motivos geralmente se enunciam:

E também as memórias gloriosas  
Daqueles reis que foram dilatando  
A fé, o império e as terras viciosas  
Da África e da Ásia andaram devastando

(*Lusíadas*, Canto I, est 2)

Mas estará certa a precedência? Primeiro Deus e depois a fazenda? Sempre a sede de ouro se apoia em filosofia moral e ainda, neste tempo, a posse efectiva das terras descobertas exigia autorização papal como se disse, pelo que podia pensar-se que conveniente estratégia política velasse a verdadeira ordem dos factores. Não vale, porém, a pena levantar a dificuldade, dado que religião e economia tão interligadas estavam que, de tanto confundidas nem as saberiam ordenar os próprios protagonistas da acção.

Na benignidade com que tratámos os nativos querem alguns ver imposições de regimento de navegação, obediência a política de Estado. Não se põe isso em dúvida. Já Cadamosto, contemporâneo do Infante D. Henrique, alude à política de pacificação que se seguiu a uns primeiros tempos de incursões violentas para aprisionamento de escravos: «Mas qualquer que fosse o motivo, de um certo tempo para

---

(25) *Op. cit.*, p. 37.

(26) Edição citada, p. 83.



cá, tudo se reduziu a paz e trato de mercancia, e não consente o senhor infante que se faça dano a nenhum deles (os Azenegues do Senegal), porque espera que, tratando com os Cristãos se possam reduzir à nossa crença, não estando ainda bem firmes na maonetana, senão pelo que dela têm ouvido dizer» (27). Não tem outro sentido o festivo e carinhoso acolhimento que Cabral dispensou aos aborígenes que teve a bordo. De toda a paciência se usou sempre com eles para melhor os amansar. Nem de rijo lhe falavam não fossem fugir e perdê-los.

Nem tudo, todavia, era cálculo do nosso procedimento. A simpatia humana que manifestámos em muito excedia as prevenções da cobiça. Éramos e somos naturalmente conviventes, sem etnocentrismo afrontoso. E se não faltam casos gritantes de crueldade no século e meio dos nossos descobrimentos, não foi essa sua feição dominante. Três anos antes da viagem de Cabral e quando Vasco da Gama lançava ferros na Baía de Santa Helena, já perto do Cabo, foi assim que Álvaro Velho, roteirista da frota, viu os homens baços do lugar:

«Nesta terra há homens baços, que não comem senão lobos marinhos e baleias e carne de gazelas e raízes de ervas; e andam cobertos com peles e trazem umas bainhas em suas naturas. E as suas armas são uns cornos tostados, metidos em umas varas de zambujo; e têm muitos cães, como os de Portugal, e assim mesmo ladram. As aves desta terra são assim mesmo como as de Portugal: corvos marinhos, gaviotas, rolas, cotovias e outras muitas aves. Ao outro dia... tomámos um homem daqueles o qual era pequeno de corpo e se parecia com Sancho Mexia; e andava apanhando mel na charneca, porque as abelhas, naquela terra, o fazem ao pé das moitas, e levámo-lo à nau do capitão-mor, o qual o pôs consigo à mesa e de tudo o que nós comíamos comia ele. E ao outro dia o capitão-mor o vestiu muito bem e o mandou pôr em terra... E ao domingo... vieram obra de 40 ou 50 deles e nós, depois que jantámos, saímos em terra e, com ceitis que levávamos, resgatámos conchas que eles traziam nas orelhas, que pareciam prateadas, e rabos de raposa, que traziam metidos em uns paus com que abanavam o rosto. Onde eu resgatei uma bainha, que um deles trazia em sua natura, por ceitil; pelo qual nos parecia

---

(27) *Op. cit.*, p. 52.

que eles prezavam o cobre, porque eles mesmos traziam umas conchinhas dele nas orelhas...<sup>(28)</sup>

E descrições animadas deste tipo, de prática conversação com os povos novamente achados, não são raras na nossa literatura dos descobrimentos. Se, em vez de andarmos à busca de vilanias déssemos com puro critério histórico as nossas crônicas, não teríamos oportunidade de as enegrecer com a sombra da nossa má senão maldosa escolha.

Um famoso antropólogo alemão chegou a escrever isto, no primeiro quartel do nosso século:

«O primeiro período da Etnografia termina em meio das ferozes lutas sustentadas pela posse dos territórios recém-descobertos. A sede de ouro e o afã de realizar pingues ganhos foram os principais motivos que determinaram a realização das viagens de descobrimento; diante dos indígenas dos países descobertos os exploradores não desenvolvem outra actuação que não sejam a rapina e a violência, mostrando-se sempre estranhos e incompreensivos ante os sentimentos dos naturais do país»<sup>(29)</sup>

A descrição de Caminha é minuciosa, rigorosamente objectiva, abundante de factos. Com dados como estes e a multidão de outros que reunimos pudemos abrir novas e amplas perspectivas à Ciência. Se não construímos acabados sistemas filosóficos, enunciarmo-lhes, pelo menos, os primeiros princípios; e, no domínio das ciências exactas, recebeu o mundo as lições de homens da estatura de Pedro Nunes, Garcia da Orta e D. João de Castro. Grave sem razão é, pois, o dizer-se como Sérgio Buarque de Holanda, que nos faltou imaginação criadora, capacidade de pensamento abstracto e que nos atemos a coisas miúdas; «pragmáticas», anedóticas, fiéis à realidade, mas fechados nela, como se só isso tivéssemos feito.<sup>(30)</sup>

Se os fundadores da ciência antropológica e seus continuadores, no passado e no presente, conhecessem nossas crônicas e livros de viagens, talvez, em face da sua opulenta informação etnográfica, os selvagens ficassem menos selvagens, os bárbaros menos bárbaros e

---

(28) *Roteiro da 1.ª Viagem de Vasco da Gama*. Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1960, pp. 6-7.

(29) Michael Haberlandt — *Etnografia. Estudo Geral das Raças*, Barcelona — Buenos Aires, Editorial Labor, 1926, pp. 15-16.

(30) *Op.cit.*, pp. 351-352.



aos ditos civilizados conviesse um tanto da selvejaria e barbaridade a outros atribuídos. E, porventura, se teria chegado mais cedo à afirmação da unidade psíquica do homem e à filosofia do relativismo cultural, com rejeição do falso e perigoso conceito de culturas superiores e inferiores. Haberlandt, que atrás referimos, não teria caído no erro grosseiro de situar no mesmo tempo Marco Polo e Fernão Mendes Pinto e de escrever:

«No horizonte geográfico da cultura medieval encontramos toda a sorte de relatos fabulosos de povos estranhos. Alguns famosos viajantes, como Marco Polo e Mendes Pinto descrevem as maravilhas do Extremo Oriente, mas as suas fantásticas descrições foram acolhidas com certa incredibilidade»<sup>(31)</sup> Herskovits, há poucos anos falecido e mestre de nomeada, atenuaria, de certo, o juízo severo que emite acerca da autenticidade dos «observadores» de ocasião:

«Com demasiada frequência e as especulações e teorias baseiam-se mais em erros do que em factos, porque muita informação acerca dos povos distantes consistia principalmente em relatos arbitrários de observadores de ocasião»<sup>(32)</sup>.

Paul Mercier, recentemente falecido não teria excluído nossa documentação das fontes de investigação etnológica respeitantes ao Século XVI:

«No Século XVI esta documentação diz sobretudo respeito à América recentemente descoberta e conquistada. Na exposição destes dados... dois nomes dominam: Bartolomeu de las Casas e J. d'Acosta... depois de G. de la Vega<sup>(33)</sup>. Jean Guiart<sup>(34)</sup> 1971 e Francis Zimmermann<sup>(35)</sup> evitariam o erro de atribuir a prioridade da descoberta do parentesco classificatório ao padre jesuíta Joseph François Lafitan (século XVIII), se lhe tivesse andado nas mãos o livro de Gabriel Soares de Sousa, *Tratado Descritivo do Brasil - em 1587*. E pelo mesmo tipo de parentesco tinham dado e descrito antes Bartolomeu de las Casas

---

<sup>(31)</sup> *Op. cit.*, p. 14.

<sup>(32)</sup> *Antropologia Cultural. O Homem e suas obras*. São Paulo, Editora Mestre You, 1963, Vol. I, p. 18.

<sup>(33)</sup> *Histoire de l'Anthropologie*. Paris, Presses Universitaires de France, 1966, pp. 23-24.

<sup>(34)</sup> *Clefs pour l'Ethologie*. Paris, Edition Seghers, 1971, p. 56.

<sup>(35)</sup> *La Parenté*, Presses Universitaires de France, Paris, 1972, pp. 17-19.



e José d'Almeida<sup>(36)</sup> *Graecum est non legitur* apunha-se, na Idade Média, a textos escritos em grego. Não direi que o mesmo aconteça aos portugueses. Mas a verdade é que poucos são os estudiosos de Antropologia que lêem a nossa língua. Disso se me queixava há anos o grande antropólogo brasileiro Egon Schaden, exclamando: *o português é o túmulo do pensamento*.

A carta de Pero Vaz é o primeiro documento da história da grande nação brasileira, seu auto de nascimento, e, simultaneamente, a primeira notícia que ao mundo se dava do Novo Mundo. Não foi, com efeito, Colombo quem enunciou esse conceito, já que toda a vida supôs que navegava por mares da Índia Oriental. E tanto nesse erro se destinava que chegou a ameaçar os marinheiros de lhes cortar a língua, se nisso o contrariassem<sup>(37)</sup>.

Para acabar e repetindo: a carta de Caminha dá conta, em primeira mão, de um dos maiores acontecimentos da história da humanidade — o descobrimento do Brasil.

---

(36) Vid. M. Viegas Guerreiro — "Parentesco Classificatório", in Garcia de Orta, Lisboa, 1973, 1 (1-2), pp. 19-26.

(37) Lembram-se que mundos novos eram também os que os portugueses tinham achado um pouco antes e para lá do Cabo Bojador. Cadamonstro, que com eles andava na empresa dos descobrimentos, menos afeito às novidades, não se contém que não escreva: "... é tendo visto nesta minha primeira viagem muitas coisas novas e dignas de memória, pareceu-me despender com elas algum trabalho e transcrevê-las assim como as tinha notado de tempo sem tempos no meu borador, para que aqueles que após mim vierem conheçam qual foi o meu ânimo em buscá-las em diversas e novas regiões, sendo elas tais que, verdadeiramente em comparação das nossas as por mim vistas e ouvidas poderiam chamar-se um *mundo novo...*" (*op. cit.*, p. 19).